

1 MUNDO EM 7 DIAS

Impressões de uma Terra chamada

FESTIVALE



35^o
FESTIVALE

Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha



Poetas e Escritores do Vale do Jequitinhonha



1 MUNDO EM 7 DIAS

1ª Edição

Vale do Jequitinhonha
Minas Gerais

2018



2018 By Herena e autores

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução integral ou parcial sem prévia autorização dos organizadores, baseado na lei 9610 de 1998.

Os autores se responsabilizam pela veracidade, autenticidade e conteúdo de seus escritos.

Poetas e Escritores do Vale do Jequitinhonha
Tel. (33) 9 99022037 poetaseescritoresdovale@gmail.com



Organização / Diagramação
Herena Barcelos

Cartaz da Capa
João Pedro

Design de Capa
Herena Barcelos

Revisão
Os Autores

Um Mundo em Sete Dias/ org. Herena Barcelos. Itinga. Poetas e Escritores do Vale do Jequitinhonha, 2018. 24p.

Prosa. Poesia. Imagens.



Nós recebemos uma responsabilidade muito grande, minha fia.

Essa responsabilidade é a palavra.

Mestre Antônio



Prefácio

Foi-me dada a incumbência de prefaciar este livro. Ingênuo, aceitei e, só agora, me dei conta da tremenda responsabilidade. Não me considero capacitado para tamanha proeza, já que não sou poeta, embora, às vezes, me iluda e arrisque colocar no papel algumas ideias desconexas e esquivas, que, relidas à atroz luz da razão, são logo largadas em gavetas de esquecimento. Mas sou leitor e, como tal, deambulo pelos horizontes da poesia e isto, talvez, me credencie a estar aqui. A poesia contida neste livro faz aumentar em nós o gosto pela palavra, à palavra que fere com ternura e com a exatidão de uma carícia.

Uma adaga na alma.

O poeta é sempre um iluminado que abre caminhos para nos perdermos. Ele diz as palavras que nos revelam a nós mesmos, as quais ressonam em nossos refolhos como se fossem ecos de uma música desconhecida... Pressentida apenas. Mas o que a poesia tem de tão maravilhoso, de tão fantástico? Eu diria que é a sua inutilidade. Esta é a sua grandeza: ser a mais baldia e transformadora manifestação do ser humano. A arte é um inconformado e não explicado arrebatamento que nos transforma. São vários e intensos os caminhos que a poesia nos revela: angústia, excitação, êxtase, sabedoria, reflexão e tantos mais... Passagens escandalosamente abertas e caminhos subterrâneos, alamedas sombrias ou refertas de luz, mas, todos, caminhos que nos trabalham a sensibilidade e o despertar para assimilação do belo. Toda esta beleza pôde ser sentida, vivenciada e observada durante o 35^o Festivale, cujo arrebatamento podemos sentir nas falas dos convidados de Herena, que expõem, neste livro, suas vivências do evento.

O Festivale é uma ferramenta de construção da consciência política e de cidadania, através da arte que se expressa livremente. Este livro, *Um Mundo em Sete Dias*, onde retratamos, toda a grandiosidade da arte,

está, certamente, além do que eu consiga vislumbrar com os olhos do coração.

O Festival é um momento de encontros e reencontros. De confraternização de artistas, grupos, agentes e gestores culturais do Vale do Jequitinhonha, no norte e nordeste de Minas Gerais. Cada ano, durante toda a última semana de julho, os participantes mantêm-se envolvidos em oficinas, mostras, exposição de artesanato, fotografias, artes plásticas, cine-vídeo, livros, teatro e outras manifestações artísticas e culturais, que nossos poetas souberam como ninguém, perceber e apreender as nuances de um evento tão grandioso, digno da alma do povo do Jequitinhonha.


Robson Waite

Homenageado da Noite Literária

Mineiro, editor, escritor, poeta, fotógrafo, ensaísta, ufólogo, autodidata na vida, com a alma tatuada de experimentos patéticos, amante das artes, de papos insanos e ideias singulares.

Seria atleta se levantamento de livros, xícaras de café e taças do licor de Baco se tornassem modalidades esportivas. Estudante de muita coisa... Apaixonado pelas infinitas possibilidades do humano, arrebatado pela psicologia, espiritualidade, pôr-do-sol, astronomia, completamente míope, esbarra o tempo todo em gigantescas interrogações... Tabagista inveterado, misantropo, namorador, filósofo de boteco, mas genial, cuja poesia, hostil e violenta, associou seu nome aos poetas marginais e malditos. Participou da Antologia dos Poetas do Pão e Passo, Belo Horizonte, 1986, e da Antologia do Coletivo VOHEJAR, Itinga MG. Editor dos jornais Integração de Minas, Focus, Corvo, Equilibrium, Vox Orbi e da Revista Latu Sensu.





Marcus Vinícius - **Festivale: amor ontem hoje e sempre** - 7 -

Poema coletivo - **Encontros Literários** - 10 -

Jota Neris - **Negra Cor** - 11 -

Herena - **Palhacinho** - 12 -

Wesley Reis Barcelos - **Sorriso** - 13 -

Wesley Reis Barcelos - **Desconhecido** - 13 -

Vilma Baracho - **Ganhei Meu dia** - 14 -

Maguidá Freitas - **Felisburgo Festivale** - 15 -

Maguidá Freitas - **Felis Tivale** - 15 -

Otacílio Mendes - **Soneto de um Sonho** - 16 -

Junio Dutra - **Impressões** - 17 -

Cássio Catuji - **Que venha o 36º FESTIVALE** - 18 -

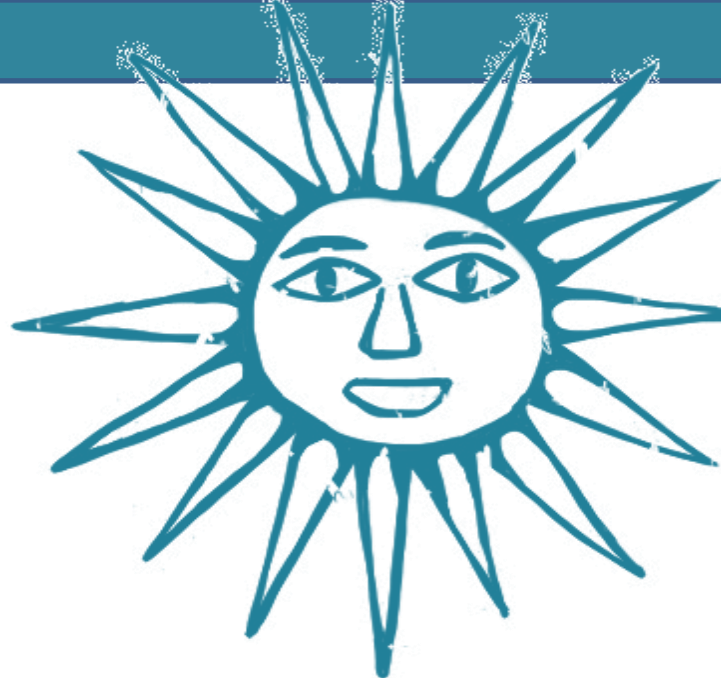
Richard Oliveira - **Festivale** - 19 -

Anna Heloísa Catulé - **Transbordando em Falta** - 20 -

Jô Pinto - **Alegria...** - 21 -

Laécio Beethoven - **FESTIVAL(E)** - 22 -

Herena - **Celebrar é permanecer** - 23 -



FESTIVALE: Amor ontem, hoje e sempre



Este texto é sobre Amor, por isto, não é para todos e todas, então, sei que muitos e muitas já estão deslizando a ponta dos dedos sobre a tela de seus smarts, procurando o que curtir. “...Menina flor me diga onde mora o meu amor, mora no fundo do mar oh Menina flor?”. Pronto agora sei que se você continuou, na verdade só vocês, não é possível que só uma pessoa se interessará por palavras de Amor! Inclusive estou começando este texto exatamente pelo final, sim estou escrevendo ele, meio que motivado pelo que alguns chamam de “Deprê, pós FESTIVALE”. Estou nessa de fechar os olhos e imaginar as coisas e sentir falta, abrir os olhos e ver outras coisas a minha volta, tipo um choque que realidade, o que também não é péssimo, pois se bate a falta, a saudade é porque mexeu com a gente, é porque nos fez bem, sim, a saudade é que nos torna encantados, quando ela vem preparam-se os abraços.

Feliz por ter acordado naquele domingo, 29 de Julho de 2018, exatamente em Felisburgo, eu avisei que começaria pelo fim, lembra? Pois bem, tomei um café e troquei umas ideias sobre as despedidas, eu já estava sentindo um clima de vida que segue, mas quando peguei a estrada e ao ir saindo da cidade avistei a faixa que dizia Bem vindos ao 35º Festivale, veio a minha cabeça o que senti ao chegar, era uma misto de mistério, dúvidas e expectativas, em minha primeira foto eu fiz questão de deixar evidente que eu estava sendo simbolicamente bem recebido, eu sabia que o 35º Festivale, ao contrário do que muitos pensam, não estava começando ali, eu estava consciente do processo de mobilização, de audiência do PPAG, da luta para manutenção no orçamento, das inúmeras reuniões estratégicas de convencimento, das inúmeras chamadas de UBER para ir a Cidade Administrativa, das viagens à Belo Horizonte, das reuniões na Assembleia Legislativa, das incursões à Diamantina e das muitas visitas à cidade que sediará o evento, coisas que muita gente não estariam dispostas a fazer, pois seria muito mais fácil tocar a gaita mágica de mestre Bira, ou bater no tambor encantado de mestre Antônio, jogando alguns versos de Brancão e tudo aparecer ali prontinho, prontinho para todos aproveitarem e serem felizes. Sim estou com isso enaltecendo o trabalho da FECAJE, estou com isso destacando o trabalho do mandato Dr Jean Freire e da prefeitura de Felisburgo, me julguem.

O Festivale, como todos os símbolos da residência do povo é uma coisa grande, complexa, forte e inexplicavelmente imprevisível, muitos me perguntam como é possível resistir ao tempo, com uma característica única no Brasil inteiro, sim, nenhum outro evento, neste país de dimensões continentais, se propõe a ser tão louco de pedra, de fazer uma programação de uma semana, com alimentação, oficina e alojamento a preço simbólico e mais de 70 apresentações artísticas gratuitas em espaços da cidade. Tudo isso é impressionante né? Mas um dado considerável vem para deixar muitos pasmos, aproximadamente 80% deste público é composto de adolescentes e jovens de 13 a 29 anos, sim em um evento de Cultura Regional, Cultura Popular, Batuque, roda, sim, Ciranda!

No Festivale a Diversidade se encontra na rua, bem na sua cara, não vou ser hipócrita de dizer que isso acontece na boa, na tranquilidade, na paz, o silêncio ensurdecedor é quebrado, o que somos, quantos somos e o porquê somos ecoa nos quatro cantos da comunidade, e confesso que para mim, isso é lindo, isso faz a cidade pulsar, nos provoca inclusive a pensar, que precisamos ouvir a diferença mais vezes, que precisamos ouvir quem nunca é ouvido, a arte não é válvula de escape, a arte não é uma mera fantasia de festa open bar, a arte é dura como uma pedra e leve como uma pluma, tudo varia de acordo com o ponto de vista. Em uma das regiões destacada como o Vale da Cultura, da arte, infelizmente em todas as cidades, se investe as migalhas do orçamento público municipal, difícil convencer que o caminho para uma sociedade que está perdendo é investir em quem ela acostumou a não acreditar, nas pessoas que dão um show de arte, honestidade e sacrifício. Foram Dias de Humanidade, de partilha, de olhares, de corações palpitantes, de andar bem a flor da pele, o frio era um elemento bem desafiador, as filas também, mas nada que não déssemos conta, a comida também tinha uma pitada de amor, a cachaça, uma pitada de mel, cada sorriso uma pitada de quero ver você bem.

Cada acorde, cada canção, cada verso, cada expressão corporal inundava nossa alma de alegria, a Pampulhinha nunca mais será a mesma, a nossa energia estará sempre lá e a dela sempre conosco, foram várias poses, vários cliques, uma outra beleza era a avenida da cidade, rabiscada com palmeiras, parecia mais uma moldura de uma linda obra de arte, na verdade nós estávamos na galeria, ou melhor, estávamos na capital da cultura popular do Vale do Jequitinhonha, aproveitei para dar umas voltas e conversar com moradores, ouvi histórias da lagoa, da capelinha, do Paraguai, da Prata e também da Terra Prometida, várias crianças queriam pegar no meu cabelo dredeado, as mães “raivam” com elas, mas eu autorizava com o maior carinho do mundo, eu queria que elas entendessem que nossas distancias eram bem pequenas, queria ouvir o que elas pensavam sobre o que acontecia às suas voltas, que éramos do bem, que éramos do Vale e que valíamos mais pelo que somos e menos pelo que temos.



Uma áurea de encantamento nos rodeava, ela era constituída por poesia, música, dança, sabedoria, cores, muitas cores, eu viajava nas formas, nos cuidados, nas técnicas, eu vi uma Igreja pintada de povo, eu vi Deus tocando o tambor do Rosário, os Ícaros tocando suas espadas ao som e ritmo dos atabaques, vi o Boi duro sendo levantado pelos orixás, enquanto as Beyblads pisavam na linha, Guaranis e Tupinambás deixando a Gira girar, a roda se formou, a poeira subiu, a universidade alumiou e foi alumuada, eu batuquei ao lados de todos meus irmãos, os de sangue e os de alma.

Em uma das noites fomos ver o eclipse Lunar, foi um momento único, fomos em três, viajamos pra ficar bem pertinho dela, foi um dos momentos de minha transcendência, eu respirava fundo e me entregava naquele ritual. Foram muitos dias de entrega, de dedicação, de preparação, foram muitos dias de sorrisos, de abraços, de beijos, de palmas, de gritos, de manhãs, tardes, noites e madrugadas de volúpias e espasmos, de um prazer que é vida, porém tudo isso pode ser melhor, mais humano ainda, podemos potencializar a participação de grupos e artistas, sim podemos! Mas como? Como construiremos juntos? Como o sentimento de pertencimento pode ser multiplicado? Como podemos tornar o movimento cultural sustentável? Como poderemos fortalecer o legado à cidade e aos participantes? Como todos poderão entender que o FESTIVALE não acaba com o fim do evento de sete dias?

Existem muitas outras perguntas e longe de mim propor uma receita, o que eu posso é me oferecer a construir junto, o que posso é fazer todos sentirem que eu estou aqui e que podem contar comigo, não só apontando falhas da organização, mas com a ação, com a prática, com o debate construtivo. Minha palavra é de gratidão a todos e todas que compartilharam comigo tudo que vivemos, a Cultura popular resiste, mesmo diante de todos os golpes, nossa cultura é de luta, nossa cultura é de cura, nossa cultura é de liberdade, ainda que tardia. Como ampliaremos o público, a plateia do FESTIVALE? Isso é impossível, porque o Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha é Do Amor e nem todos querem Amar. Vale, Vida, Verde, Versos e Viola.

Marcus Vinícius Costa, 34 anos, de Itaobim, formado em Ciências Sociais, amante das artes populares, integrante do movimento Cultural e dos Comunicadores do Vale do Jequitinhonha.



Poema coletivo
Encontros Literários
Ana Clara Gusmão, Anna Keloísa Catulé, Herena, Richard Oliveira,
Wesley Barcelos

Terra Vale

O mesmo sol da seca,
Quente, tórrido ardente,
É o sol da vida,
Que me faz resistente.

No suor do rosto,
No calo da mão,
Está a força de um povo
Que constrói esse chão

Terra fértil eu sou,
Mas, em essência, não seria
Se não fosse o cuidado gentil
Da minha gente viva.

E essa é minha maior riqueza,
Para muitos, invisível,
Meu tesouro é o meu povo forte
De Alma sensível.



Ganhei meu dia.

Estava na banca de livros da feira de artesanato do Festivale, quando chegou uma senhora e sua filha.

Enquanto a mãe olhava os livros, dei à esta linda menina, um livro "Criança Feliz" de Virginia Baracho, pra ela folhear.

Quando a mãe mandou que me entregasse o livro porque já iam, ela o puxou e colocou debaixo do braço, ainda ficou brava comigo.

Por nada deste mundo se desagarrava do livro.

As fotos mostram que ela mudou a fisionomia.

Ficou receosa. Queria o livro.

Claro que ganhou. Só depois que eu disse que o livro era dela olhou para mim com alegria e deu adeusinho.

Robson passou logo depois, relatei o fato e ele me disse que a mãe é grande leitora. O exemplo está em casa, no caso dela.

Vamos mostrar para as crianças a importância da leitura, colocar os livros em suas mãos, mesmo antes de alfabetizada, foi minha conclusão deste episódio.

Vilma Baracho

Depois do primeiro FESTIVALE em Araçuaí, apaixonou-se pelo evento e pelo povo do Vale. É uma relação de amor intensa. Em 2018, interpretou o poema de sua mãe, "O Rio Jequitinhonha" na Noite Literária Robson Waite.

PALHACINHO

Quem faz oficina no FESTIVALE sabe que é uma rotina intensa. Quem não faz sabe também. É que intenso é codinome do movimento. Quem faz oficina e gosta de farra, então, beira à exaustão.

Meu irmão faz oficina. E gosta de farra. Tadinho. Eu também sigo uma rotina muito próxima, mas irmãozinho é irmãozinho. Não é?

Acho bonito que ele se esforce para não perder o que gosta. É difícil abrir mão da farra nossa de cada dia. E depois acordar cedinho para aprender/aperfeiçoar uma arte.

Esse ano, ele foi aperfeiçoar. Pode até ter achado que ia aprender. A grande novidade de fazer oficina de circo dentro do circo era tentadora. Muita opção, muita possibilidade, muitos caminhos. Então, ele entrou na oficina de circo.

Mas foi só para aperfeiçoar.

Para desprazer de nossa mãe, uma moça séria de interior, ele sempre foi um tanto engraçadinho, o que trouxe a ele o diploma de palhaço da turma da faculdade. Esse ano, ele foi para o circo. Arrodeou, arrodeou, namorou um bocado de aparelhos e terminou palhaço.

E um grande palhaço. E não sou eu, irmã mais velha coruja que estou dizendo, todo o público adorou.

Meu irmãozinho mesmo chegou para mim, todo vaidoso: “fiquei lindo de palhaço”. Também achei. “Agora sou conhecido como ‘O PALHAÇO’. Pelo menos, não sou mais só o irmão de Herena.”

Eu ri.

Meu irmão é uma dessas alminhas puras. Uma das poucas pessoas que conheço com a simplicidade necessária para a grandeza de ser palhaço. É um bobinho por natureza e me faz rir até quando não quero. Será sempre meu palhacinho preferido.

Ah, sim. Ele tem 27 anos.



Fotos: arquivos pessoais

Herena, 31 anos, é de Itinga. Escritora, militante cultural, participa do FESTIVALE há 20 anos. Em 2018, fez parte da Comissão de Noite Literária.



Imagem da internet adaptada

Para mim, essa história de ser o palhaço do FESTIVALE não muda muita coisa, apenas, agora, tem ainda mais gente que sabe como ele é especial.

Fico toda orgulhosa do meu garotinho. Tem jeito não, Wesley: continuo sendo a Herena do irmão..

Sorriso

Eu sou um palhaço
E as vezes prefiro ser.
Não que eu seja falso.
Mas é melhor se esconder,
Que mostrar seus pedaços!

Eu sou um palhaço
E as vezes não é opção.
É mais pelo que faço.
Bobo mesmo é o coração
Que sempre espera um abraço!

Eu sou um palhaço
E é minha essência!
Por onde eu passo
Posso mudar a aparência,
Mas não mudo meu traço.

Eu sou um palhaço
E quem as vezes não É?
Em meio a tanto embaraço,
Eu ainda tenho fé
No sorriso do palhaço!

Wesley
Reis Barcelos,
é agente cultural de
Itinga. Ator amador do
GRUTI, participa do
Festivale há 12 anos.
Em 2018, fez oficina
de circo.

DESCONHECIDO

Me conheça mundo!
Não pra ser Estrela.
É mais profundo.
Não que eu queira reconhecimento.
Só quero que me conheça!
Esse é meu apelo:
Me conheça
e me dê o prazer de conhecê-lo.
Se possível, até queria voar.
Nem precisa ser alto e nem pra longe.
Um voo assim a esmo.
Mas antes eu preciso conhecer
O mundo inteiro que há
Dentro de mim mesmo.



Fotos: arquivos pessoais

NEGRACOR

Sou negra
 Por legado da história
 Tenho viva na memória
 O labor da conduta,
 Sou fêmea
 Com o braço forte
 Minha vida e morte
 É com muita luta.
 Toda negra
 É minha geração
 A dura escravidão
 Me deixa manchada,
 Sou carente
 De amor e afeto
 Inda sou o objeto
 Pelo mundo explorada.
 Sou preta
 Do cabelo cacheado
 O meu bom rebolado
 Convida e atia,
 Sou tingida
 De aguçante libido
 Meu jeito atrevido
 Provoca a cobiça.
 Sou brack,
 Do gingado e do truque
 O clamor do batuque
 Conduz o barulho,
 Negra
 É toda a minha descendência
 Com altiva querência
 Sou negra com orgulho.
 A negritude
 Me faz diferente
 ser negra é ser gente
 Na essência do ser,
 Se eu renascesse
 Para formar outro povo
 Seria negra de novo
 Com muito prazer.



Foto arquivo pessoal

Jota Neris, poeta de Mata Verde, 3º Lugar na Noite Literária Robson Waite

35º
FESTIVALE
Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha



Festivale
Explendido
Legalmente
Inigualável
Satisfatório
Brilhante
Urbanizado
Regionalmente
Gigantesco
Organizado

Festivaleiros

Expositores

Sensibilizados

Temáticos

Inovadores

Vivenciando

Amizades

Leais

Especiais

Maguidá Freitas Souza Botelho nasceu na Fazenda Repreza, Povoado de Bom Jardim, Jacinto. Filha de trabalhadores rurais, traz consigo aprendizados de raiz: agricultora familiar, artesã, cirandeira, folclorista, foliã e amante da cultura. Mudou-se para Rubim, onde cursou o Magistério e para Palmópolis, onde atuou como educadora. Após sua aposentadoria, dedica de corpo e alma à Economia Popular Solidária. Em 2018, participou da feira de artesanato e da Mostra de Cultural Popular.

FELIS TIVALE

Felisburgo cidade feliz
 De povo hordeiro
 Participando do FESTIVALE
 Sendo hospitaleiro

Pampulhinha encantadora
 Com cisnes a nadar
 Os turistas festivaleiros
 Em suas margens a observar

Palmeiras imperiais
 Na avenida principal
 A igreja do rosário
 Celebrando a missa primordial

Os grupos de cultura popular
 Percorrendo as ruas principais
 No cortejo multicolor
 Bonecos, bois e dançarinos saltitando a vapor

Despedimos do 35º. FESTIVALE

Na certeza que em breve
 Iremos nos encontrar
 Para podermos nos abraçar

Levaremos conosco
 Grandes recordações
 Dos momentos agradáveis
 Guardados em nossos corações

Na memória imortal
 Da cultura popular
 Do mestre Antônio de Minas Novas
 Da sapiência singular

Aqui fica a Maguidá
 Pessoa de resistência
 Dos movimentos sociais
 Das nossas regionais

SONETO DE UM SONHO

De um sono acordei,
De um tempo que vivi
Doces sonhos, revivi.
Nas estradas por onde andei.

Vi canções e poetas,
Vi homenagens, causos e gente.
Vi sorriso, amanhecer e poente.
Vi naturezas, incertezas e setas.

A feliz cidade senti no nome,
Felisburgo não me engano.
Vivi, sorri uma arte que consome.

Patinhos como que arte
Do sonho a pura realidade
A vida, um FESTIVALE a parte.



Otacílio Mendes, nascido e criado em Itinga, mudou-se para Belo Horizonte, onde estudou Teologia e Filosofia, pós-graduado em Docência do Ensino Superior, é professor em Itinga, Itaobim e Araçuaí. Poeta, classificou-se em concursos regionais e nacionais. Lançou seu primeiro livro em 2016, a coletânea de Poemas Falando de Deus. Acaba de lançar o livro Estradas de Chão, com o coletivo literário de Itinga, VOHEJAR e participa da Antologia Poética do Vale do Jequitinhonha, presente no primeiro FESTIVALE em Itaobim, quando ainda era adolescente, acaba de retornar ao movimento, em Felisburgo.

Impressões

Eu tive inúmeras sensações, emoções e impressões. Um delas foi com a Noite Literária, onde tivemos bastante troca de experiência entre escritores e intérpretes, e isso nos torna confiantes e seguros. Outra impressão maravilhosa foi com a Feira de Artesanato, onde pude ver e tocar em obras maravilhosas, algumas com expressões faciais superinteressantes, e o que me deixa emocionado são essas expressões em obras, até comprei uma boneca negra pra mainha, onde ela segura uma peneira cheia de café torrado. Um pouco de tudo nos impressiona e faz com a gente vem embora cheio de vigor e com uma pureza imensa na alma. Acredito que o Festival muda as pessoas, e aquelas que se encontram no evento se sente bem vindas e á vontade! E esse negócio de dá valor no que é nosso que fortalece sempre a nossa cultura e nossas tradições, fortalece na forma simplória que é encontrada música, na poesia, no teatro e no artesanato. É por trás disso tudo que tens as nossas histórias.

Junior Dutra é de Itinga, membro do Centro Cultural Escrava Feliciano e do GRUTI - Grupo Teatral Itinguense, intérprete de poesias em vários festivais literários do Vale do Jequitinhonha, trabalha com teatro em duas escolas municipais de Itinga e faz intervenções performáticas.



U Antônio Cássio Pinto Gomes, formado em Economia, pós-graduado em Gestão Empresarial Marketing e Recursos Humanos, já exerci várias atividades: Office Boy, Metalúrgico, Auxiliar de escritório, Vendedor, Bancário, Professor/Sociologia, Funcionário Público Municipal, Agente Cultural, Representante Comercial. Hobbys: Fotografia, Esporte/Corrida -Maratona, Viagens.



Foto arquivo pessoal

Foram 8 dias de confraternizações, de trocas, partilhas, encontros, reencontros, beijos, abraços, envolvimento, solidariedade, em prol da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha.

Que venha o 36° FESTIVALE, em Belmonte, foz do Rio Jequitinhonha de frente ao Atlântico, será a consagração das nossas tradições culturais do alto, médio e baixo Jequitinhonha com a Cultura Popular Sul Bahiana do delta do Rio Jequitinhonha envolvendo Belmonte, Canavieiras e cidades circunvizinhas.

Somos uma só região, unidos pelos mesmos laços da Cultura Popular que a divisão geográfica tentou-nos separar, que com certeza vão ser unificados em Julho de 2019. Já estou me programando; *"A saudade me maltrata de olhar no calendário, pra ver que faltam poucos dias de pra ouvir o tambor do rosário, Vale que Vale Cantar, Vale que Vale Viver... Vale do Jequitinhonha nós amamos você..."*, minha canoa partirá de Catuji rumo ao Atlântico. Que venha o 36° Festivale em Belmonte, se Deus quiser, e com as bênçãos e proteção de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte, estaremos presentes. Salve, Salve a Cultura Popular Sempre!!!!



Fotos Cássio Catuji

FESTIVALE

Para mim, era tudo estranho.
Na minha cabeça, uma confusão.
Um homem jogou
Um balde de areia na cabeça,
Na minha frente
Oh! Meu Deus, que sem noção!

Mas o sem noção era eu,
Que não compreendia
A arte e a performance
Que naquele artista existia.

Eu olhava para o lado
E nada entendia
O porquê da dança estranha
O porquê do homem de saia
E por que tanta gente diferente ali havia.

Mas fui me tornando íntimo
E mal eu sabia
Que estava no meio
Das melhores pessoas
E prestes a sentir muita alegria.

Aquilo era **FESTIVALE**,
Festa da cultura popular.
Onde todos se encontravam
Somente para celebrar.

Hoje eu entendo tudo
E dou muito valor
A esse encontro maravilhoso.
Que ao invés de **FESTIVALE**
Também pode ser chamado
De encontro do amor.

Pois todo mundo se respeita
Se completa em união
E faz com que este momento
Se torne imensidão.

É uma diversidade,
Uma cultura sem fim
E, hoje, só para eu deixar de ser besta,
O FESTIVALE existe em mim.

Nunca conseguirei expressar
Em palavras o sentimento,
Nem mesmo que eu fale.
Sou muito grato pelo que vivi ali.
Obrigado, **FESTIVALE**!



Foto arquivo pessoal

Richard Oliveira, 23 anos, é de Itinga. Cabeleireiro, ama conhecer pessoas novas, por esse e por poucos outros motivos participou do seu primeiro Festivale, em 2016, Jequitinhonha. Estranhando inicialmente, hoje, aguarda ansiosamente os próximos. Está encantado com o FESTIVALE de Felisburgo, pois foi nele que descobriu que gostava do movimento mais do que pensou, estando hoje, muito feliz por tudo que vivenciou. Em 2018, fez oficina de Circo.

Transbordando em falta

Eu transbordo cores, sabores, amores,

Sons, lágrimas, alegrias e euforias.

Me faltam, agora,

As mesmas cores, sabores, amores,

Sons, lágrimas, alegrias e euforias.

Estou cheia de lembranças

E vazia, a clamar por novas...

Imagem adaptada da internet

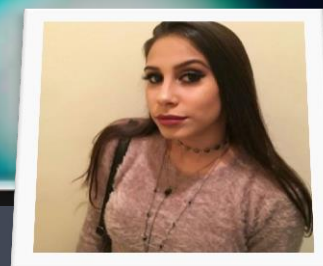


Foto arquivo pessoal

Anna Heloísa Moreira Catulé, 22 anos, é de Itinga, Vale do Jequitinhonha. Sempre teve contato com o movimento cultural e muito tocada pela expressividade do vale desde pequena, pela influência do seu pai Seu primeiro FESTIVALE foi em 1998, com 2 anos de idade, quando Itinga foi presenteada como sede do evento. Na infância, participou de algumas oficinas de técnica vocal e teatro e compôs o Coral Água Branca e o GRITAI (grupo itinguense de teatro infantil). Nos Festivales de Padre Paraíso (2010) e Jequitinhonha (2011), teve a honra de representar Itinga nos palcos através do Coral Água Branca, nas oficinas e toda programação. *“Fiquei afastada de algumas edições do FESTIVALE pela necessidade de morar na capital para estudar e trabalhar. Atualmente moro em Teófilo Otoni e, neste ano, o 35º FESTIVALE na cidade de Felizbrugo foi o meu grande retorno para o movimento cultural do nosso vale e nunca fui tão feliz... Que Coincidência!”*

Alegria....



No sobe e desce ladeira, entre o palco do FESTIVALE e o alojamento que me encontrava, sentava um pouco na Praça São Sebastião da pequena e gostosa Felisburgo e ali percebi dois senhores em uma conversa, não deu para ouvir toda a prosa, mas uma frase marcou, um dos senhores disse: “ Esse trem de FESTIVALE é diferente, povo educado, cumprimenta, quer abraçar, tirar foto e faz um tanto de pergunta da cidade e o outro respondeu: É um povo Alegre ” e deram uma risada boa.

Contagiado pela risada deles, também sorri....

Talvez a grande magia do FESTIVALE, seja ainda essa simplicidade de encantar pessoas com o prazer da ALEGRIA em um mundo globalizado e de individualidade lactante, o FESTIVALE alegra as pessoas pelo respeito ao outro, a história, a diversidade, a cultura e ao culto de todas as crenças e a Mostra de Cultura Popular nos embala nessa mistura de diversidade que é fonte que todos nós bebemos neste Vale do Jequi.

O FESTIVALE é um desses eventos, no qual a gente vai e não quer que termine, mas termina! e temos de voltar a uma realidade nua e crua, mas voltamos renovados de amizades que nasceram, das reforçadas mais uma vez, voltamos com alma poeta e coração cheio de canção e com os muito abraços e beijos dados, voltamos renovados pelas palavras de luta e conselhos dos Mestres. E assim nos preparamos por mais um ano para de novo nos reencontrarmos em algum lugar do Vale para celebrarmos nossa mistura que deu certo e que nos deixa tão “Alegres”, não é seu Zé?



Fotos: Jô Pinto

Jô Pinto, de Itinga, é escritor, poeta, historiador, fotógrafo, desenhista, escultor, professor, militante e produtor cultural. Formado em História, pós-graduando, técnico em Patrimônio Cultural, é tesoureiro do Centro Cultural Escrava Feliciano. Há anos no FESTIVALE, ex-presidente da FECAJE, em 2018 coordenou a exposição de fotografias e a Feira de Artesanato. Concorreu na Noite Literária com o poema Devoção.



Foto arquivo pessoal

FESTIVAL(E)

Chorei primeiro. Mãe, a derradeira!
Chorei surpreso, ela, dor no parto.
Eu era o filho oitavo, num só quarto.
Nascemos nós nas mãos de uma parteira.

Cantou meu pobre pai a velha chula,
Cantei aos sete anos na varanda,
Mamãe cantarolava uma ciranda,
O bucho resmungava com a gula!

Ao som de um rádio AM na cozinha,
Os dez e um escaldado de farinha,
Ali, vivíamos como um festival.

Passou-se o tempo. Quando adormeço,
Desenha-se no sonho e reconheço:
O vale é meu cordão umbilical.

LAÉCIO BEETHOVEN, piritibano, ex-trabalhador rural, formado em Música pela Escola Superior de Música da Universidade Federal da Bahia, Especialista Pós-Graduado em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Professor de Música e Alfabetizador, músico instrumentista, cantor, compositor e poeta. Concorrente de festivais de música popular por todo o Brasil, conquistou premiações ou apenas participou em cidades da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Ceará, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Espírito Santo, tendo se participado ainda na Cantoria de São Gabriel-BA e coordenado o FACE - Festival Anual da Canção Estudantil, DIREC 1, na capital baiana, no ano de 2009. Tem diversas apresentações em Salvador e região. Quatro vezes campeão do Festival Nacional de Poesias de Ibotirama-BA. Participou da gravação do primeiro CD Barroco na Bahia e lançou seu CD GALOPE XOTE BAIÃO (independente), no início de 2004. Está no CD Festivais do Brasil volume 5, e lançou os CD's "Declamando Poesias", com oito obras literárias autorais — incluindo Sete Sonetos, poesia esta publicada no livro "Ecos Machadianos" — e "Meu Verso", recitando obras do escritor Carlos Araújo. Atualmente, reside em Salvador-BA, onde faz show e leciona em escola pública do Subúrbio Ferroviário. Participa do Festival da Canção do FESTIVALE desde 2014, sendo premiado em todas as edições de que participou. Em 2018, ficou em segundo lugar com a canção Mistério Mulher.



Foto: arquivo pessoal

Foto Laécio Beethoven

CELEBRAR É PERMANECER

Eu estive lá. Há algo de encantado nessas palavras. O FESTIVALE é um estado de ser, mas também um exercício de estar. Estar presente, estar disposto, estar junto, estar entregue. Todas as pessoas que estiveram em Felisburgo, entre 22 e 28 de julho de 2018, ofereciam algo de próprio ao movimento que celebra a resistência e a diversidade.

A arte é um exercício humano e, portanto, social e cultural. Durante toda a semana a produção artística esteve presente. Nas oficinas oferecidas, trocas artísticas de diferentes áreas, numa proposta de sustentação e continuidade do movimento cultural do Vale. No teatro, que também ganhou força ao ocupar diferentes espaços e acolher artistas tão nossos que têm se destacado. E na Feira de Artesanato, que trouxe um mostruário significativo da produção material de uma das regiões mais importantes para o artesanato nacional.

A melodia tem estar especial no Festivale, entre a grandeza dos shows, a proximidade da Barraca Festivale, o cuidado dos músicos do Festival da Canção, a alegria das rodas de dança, a resistência do canto dos grupos de Cultura Popular.

Os homenageados desta edição, Mestra Cirila, Valdivino Muniz, Glória de Cássia, Walter Hugo, Wiliam Pinheiro, Robson Waite, e a presença popular nas rodas de conversa, e a Mostra de fotografia, desenham, juntos, um encontro que entrelaça a memória e a luta.

E a poesia? A poesia também estava. Por toda parte. Na encantadora Noite Literária, no Encontro dos Poetas e Escritores do Vale, nos recitais, nos contos, nos causos, nos sorrisos, nos abraços. Nas pessoas! Há sempre algo de poético nos encontros.

As pessoas são a essência do FESTIVALE. Pessoas que compõem a FECAJE, e lutam pela sobrevivência do movimento, pessoas que vêm conhecer, pessoas que acolhem, pessoas que se doam, pessoas que convivem nos alojamentos e no dia a dia de festival. Pessoas que buscam pessoas.

Felisburgo recebeu, e carinhosamente, visitantes de todo o Vale. E do mundo. A delicadeza da cidade, a beleza das pracinhas e da lagoa, a simplicidade de suas ruas, trouxe para a força da cultura de resistência uma sutileza que acolhia e enalteceu o que a vida tem de mais bonito: estar junto, para ser humano.

Herena
Escritora e Militante Cultural
Itinga, 05 ago 2018



Imagens adaptadas da internet

